

O HOMEM COMO FRUTO DO PRODUTO

CONSUMISMO E IDENTIDADE: O PREÇO DA ALIENAÇÃO NA SOCIEDADE MODERNA

Wesley da Silva Prescinato

Resumo

O consumismo se tornou o foco de diversas discussões, levantando questões fundamentais que podem e vão mudar a perspectiva de todos. A sociedade do consumo é um termo adequado para definir a nossa realidade. Antes, o que era pra sobreviver, hoje está se tornando obrigação. O consumo está se alastrando por todas as esferas de nossas vidas, substituindo valores e destruindo a nossa humanidade. Nada está sobrevivendo a este estilo de vida. Vivemos em um mundo falso e cheio de mentiras que nos fazem acreditar que tudo é verdade. Acreditamos que o ritmo de vida que levamos é o que deve ser levado, deixamos o espetáculo social e comercial ditar nossas vidas, nos induzindo a ter sem preocupações, sem pesos e o mais perigoso, sem consequências. Ética? Moral? Palavras que estão se perdendo com o tempo e sendo levadas pelo vento impetuoso do consumo sem limites e sem sentido, pela alienação e a deturpação dos valores.

Palavras-chaves: Consumismo, ética, moral, humanidade, alienação.

Abstract

Consumerism has become the focus of several discussions, raising fundamental questions that can and will change everyone's perspective. The consumer society is an appropriate term to define our reality. What used to be about survival is now becoming an obligation. Consumption is spreading into every sphere of our lives, replacing values and destroying our humanity. We live in a false world full of lies that make us believe that everything is true. We believe that the pace of life we lead is what should be led, we let the social and commercial spectacle dictate our lives, inducing us to have without worries, without

weights and, most dangerously, without consequences. Ethics? Moral? Words that are being lost over time and carried away by the rushing wind of limitless and meaningless consumption, alienation and the distortion of values.

Keywords: Consumerism, ethics, morality, humanity, alienation.

1. Introdução

Neste trabalho, analisaremos a diferença entre o consumo e o consumismo e suas consequências. Vamos também discutir algumas formas de consumo e suas causas dentro de nossa sociedade, além de tabus claros que se perpetuam com o tempo. Diversos autores concordam que consumir é necessário, é algo inerente ao ser humano. Contudo, o consumismo atual transformou-se em uma forma desenfreada de alimentação do ego humano e de suas vontades supérfluas.

Os capítulos deste trabalho proporcionam ao leitor uma visão crítica sobre como o homem se tornou refém de sua criação, explorando o papel do marketing na propagação dessa ideologia consumista. Esse parece desfavorecer o "ser humano" em sua essência, promovendo uma transformação em "ser máquina". Com o passar dos anos, o consumismo se enraizou, resultando na formação da "sociedade do consumo", que utiliza diversas ideologias para consolidar sua influência e atrair cada vez mais adeptos.

A sociedade moderna enfrenta um paradoxo: ao mesmo tempo que o consumo impulsiona o progresso econômico e tecnológico, ele também fomenta desigualdades, alienação e manipulação de valores éticos e morais. Essa dinâmica é sustentada por mecanismos de persuasão que induzem as pessoas a consumir sem reflexão, priorizando a aparência e o acúmulo de bens em detrimento de valores mais profundos, como solidariedade, ética e autoconhecimento. O marketing, neste contexto, emerge como uma ferramenta poderosa, mas controversa, moldando desejos e comportamento momentos que nem sempre atendem às necessidades reais dos indivíduos. Ao preferir atender a demandas legítimas, ele frequentemente cria carências falsas, impulsionando um ciclo de insatisfação contínua e consumo incessante.

Além disso, o consumo agrava as desigualdades sociais, uma vez que nem todos têm acesso aos mesmos bens e serviços promovidos como essenciais. Essa exclusão reforça divisões socioeconômicas e psicológicas, alimentando um sentimento de inadequação e inferioridade entre aqueles que não conseguem acompanhar o ritmo imposto pela sociedade

de consumo. Esse processo, por sua vez, pode gerar impactos profundos na saúde mental e no senso de identidade das pessoas, contribuindo para uma cultura de superficialidade e competição.

Dessa forma, este trabalho busca não apenas compreender os aspectos históricos e sociológicos que levaram às declarações do consumismo, mas também propor uma reflexão sobre possíveis caminhos para resgatar os valores humanos e éticos que foram corroídos por esses fatores. A crítica à sociedade de consumo, aqui apresentada, visa encorajar o leitor a adotar uma postura mais consciente e responsável diante das escolhas de consumo, promovendo um equilíbrio entre necessidade, desejo e sustentabilidade.

2. O homem como fruto do produto

Todos os dias nos deparamos com novas tecnologias que nos proporcionam conforto e comodidade e este capítulo trata dessa comodidade ou melhor trata das nossas dependências desse mundo tecnológico, desprezando qualquer outra coisa. Com o passar dos anos, o homem passou de criador para criatura, sendo escravo do consumo e cada vez mais se vendendo. No sistema capitalista, o capital é o comprador e o trabalho é a mercadoria, onde o homem trabalha não para produzir o suficiente para viver e sim o dispensável para sobreviver.

Para que tudo aconteça corretamente, o Estado deve agir e ele age de uma forma expressiva, pois de outra forma nada existiria. O Estado é o grande patrocinador deste jogo voraz, onde estimula o trabalho e ao mesmo tempo propaga o medo, assim obtendo maiores lucros e mão-de-obra extremamente barata. Tais métodos são cruéis, mas controla a sociedade de uma forma tão sutil que não percebemos e vivemos nossas vidas por migalhas.

Hoje o Estado cria circunstâncias para que o trabalho possa cada vez mais ser desvalorizado, assim adquirindo pessoas cegas tentando subsistir por esmolas, que sejam “pau pra toda obra”, que se possível não tenham nenhum tipo de peso ou responsabilidades como família, que sejam descompromissados e flexíveis, esse indivíduo será muito mais rentável para a empresa, pois estará oferecendo sua vida para a organização, seu trabalho como mercadoria de troca para obter sonhos que não são sonhados e sim implantados, pois segundo BAUMAN 2008:

“Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável”.

O desejo de comprar não é maior que a necessidade de nos vendermos. Contudo, para o sistema não passamos de mercadorias e precisamos trazer lucros, e ele nos usa de uma forma tão envolvente que nos faz pensar que dominamos nossas vidas, nossas vontades, nos deixam pensar que somos livres, mas na realidade estamos à deriva num mar de ilusões onde somos levados pelas ondas e assim vivemos para sustentar nosso vício e contribuir com o capitalismo, pois segundo DEBORD (1997), define tal sociedade com:

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um suplemento ao mundo real, a sua decoração readicionada. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares, informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o seu corolário o consumo. Forma e conteúdo do espetáculo são; identicamente, a justificação total das condições e dos fins do sistema existente.

Com o passar dos anos diversos pensadores fizeram uma crítica feroz contra esse sistema, onde escravizava e até hoje escraviza o homem e o trata como se fosse algo descartável, que só são úteis enquanto trabalham e dão lucro, sem se importar com o homem como pessoa, sempre o tratando como máquina que pode ser substituída. Tal realidade se reflete na educação que tem lugar pós-revolução industrial, que segue modelos de fábrica, com turnos, turmas, numeração e uma linha de série onde se supõe a uniformidade, e se desconsidera os diferentes ritmos e as singularidades. Onde o ser humano é visto como uma peça para o mercado de trabalho, e não em sua potencialidade criativa, que é sempre intrínseca, singular, conferindo diversidade à vida. Nesse sentido a inspiração da educação devia estar mais na agricultura (pois se trata de crescimento da vida) e não na “linha de fábrica”.

Com o mundo em ascensão e com o avanço de novas tecnologias, o homem foi cada vez mais se isolando e como consequência também foi aumentando o desespero e a solidão, o homem se tornou refém de sua criação, de acordo com Borba (2004),

As tecnologias são produtos humanos, e são impregnadas de humanidade, e reciprocamente o ser humano é impregnado de tecnologia. Neste sentido, o conhecimento produzido é condicionado pelas tecnologias e, em particular, pelas tecnologias da inteligência, denominadas mídias por mim para enfatizar o aspecto comunicacional.

Essa nova onda high-tech trouxe diversos benefícios que proporcionam melhorias de uma forma estrondosa. Vídeos, livros, a notícia com apenas um clique abriu um leque de variedades que nos pode ser muito útil, mas ao mesmo instante criou um muro e nos tirou nossa socialização olho a olho e nos trouxe o espetáculo e o exibicionismo das redes sociais, onde pessoas conversam, buscam “amigos” e outros tipos de relacionamentos.

O ser humano está perdendo a capacidade de falar e sentir o outro. Famílias estão se desfazendo, vidas estão se perdendo e para quê? Somente para satisfação pessoal? Pessoas vivem em um mundo onde tudo é perfeito e tudo pode ser mudado. As pessoas estão se deixando levar por um mundo virtual, onde eles se sentem queridos e muitos ainda acham que esse mundo é real e assim deixando se iludir e esquecendo que a realidade não está na frente de um monitor ou uma tela de celular, mas sim próximo a ele, mas relutam em aceitar, pois vão se deparar com o vazio profundo que aprisiona a alma.

Hoje as pessoas mimadas pelo consumo optam pelo mundo virtual, pois não buscam compromissos. A internet se tornou um aparelho ideológico extremamente eficiente; tais mundos virtuais criados não querem compromisso com o usuário e sim querem que o usuário crie esse compromisso, criando esse vínculo o usuário tende a se isolar do mundo e ser quem ele gostaria de ser, mas não é. Pode parecer estranho, mas é bem comum. Nas redes sociais as pessoas mostram uma vida que não as pertence, demonstrando um ser lúdico e ilusório, mostram um ser comprado pelo espetáculo que transforma a vida de um filme de terror ao conto de fadas e faz questão de mostrar que vive em uma realidade alternativa, segundo Marcuse (1964), *“A nossa sociedade se distingue por conquistar as forças sociais pela tecnologia e não pelo terror, através de uma eficiência esmagadora e*

num padrão de vida crescente”.

A internet tem um poder muito grande que é usada para venda e compra de mercadorias seja ela qual for. O ser humano está em crise sentimental, mais e mais pessoas estão buscando em sites de encontros um “amor verdadeiro”. Analisando tal circunstância, podemos concluir que as pessoas estão ficando incapazes de se relacionar, sempre vivendo em função do imediatismo, substituindo o face a face pelo *face a face* (abreviação usada na internet de facebook) onde as pessoas têm milhares de amigos virtuais e vivem sozinhas uma vida sem sentido e propósito, desvalorizando o ser e a busca pelo verdadeiro e tomando para si o falso, contemplando a mentira e menosprezando o real, pois segundo KEHL (2003):

Ocorre que a sociedade dos indivíduos “desacostumados à subjetividade” não é a sociedade dos homens capazes de estabelecer entre eles relações “objetivas”, ou seja, livres do excedente de alienação que o capitalismo industrial fabrica diariamente. Ao contrário, o que o espetáculo produz é uma versão hiper-subjetiva da vida social, na qual as relações de poder e dominação são todas atravessadas pelo afeto, pelas identificações, por preferências pessoais e simpatias. E quanto mais o indivíduo, convocado a responder como consumidor e espectador, perde o norte de suas produções subjetivas singulares, mais a indústria lhe devolve uma subjetividade reificada, produzida em série, espetacularizada. Esta subjetividade industrializada ele consome avidamente de modo a preencher o vazio da vida interior da qual ele abriu mão por força da “paixão de segurança”, que é a paixão de pertencer a massa, identificar-se com ela nos termos propostos pelo espetáculo. Por aí se explica o interesse do público que assiste aos *reality-shows* dos anos 2000 na tentativa de flagrar alguma expressão espontânea da subjetividade alheia sem se dar conta de que os participantes desse tipo de espetáculo estão tão “formatados” pela televisão tão “desacostumados da subjetividade” quanto o telespectador.

Olhar para as pessoas nos olhos e poder sentir-se vivo, olhar e conseguir sentir sentimentos nela está se tornando algo cada vez mais raro, pois segundo OLIVEIRA, (1997): *“A interação face a face entre indivíduos particulares desempenha um papel fundamental na construção do ser humano: é através da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente*

estabelecidas de funcionamento psicológico”. Deixar de olhar para uma tela e sentir a esperança em si mesmo, sentir a dor do próximo, a frustração, a alegria e diversas emoções íntimas está cada vez mais se acabando. As pessoas estão se fechando em suas cabeças para não verem a realidade do próximo e menos ainda a do mundo e quanto mais compramos e nos aprisionamos em novas tecnologias, menos contato com pessoas e cada vez mais nos afundamos nessa areia movediça que nós mesmos criamos.

3. Sociedade de consumidores

Podemos definir tal sociedade como pessoas sem objetivo na vida, traçando estratégias para alcançar algum objetivo, onde KEHL (2003) afirma:

Quando não é reduzido a mais um competidor na massa, o “indivíduo” é tratado como “consumidor”. A operação consiste em apelar para dimensão do desejo, que é singular, e responder a ela como fetiche da mercadoria. A confusão que se promove, entre objetos de consumo e objetos de desejo, desarticula de certa forma, a relação dos sujeitos com a dimensão simbólica do desejo, e lança a todos no registro da satisfação de necessidades, que é real. O que se perde é a singularidade das produções subjetivas, como tentativas de simbolização.

A vida se tornou algo sem importância. Após as grandes revoluções industriais, a economia se tornou um dos pilares da civilização, onde o homem e a mulher tinham e ainda têm suas funções definidas; homens são os que reproduzem e as mulheres produzem matéria-prima.

Diferentemente do regime anterior que somente tratava do corpo e isolava a alma, a sociedade do consumo usa a alma e a corrompe alimentando-a com o desejo de consumir e isso começa na infância, implantando nas crianças a compulsividade de consumir e nunca parar.

Na sociedade atual, consumir tornou tão comum que criamos vocação para o consumismo, independentemente do gênero ou raça e menos ainda quando nos referimos a classes sociais. As lojas se tornaram abrigo de ricos e pobres, onde o rico explora o pobre e o pobre trabalha 2 ou 3 turnos para se sentir incluso nessa sociedade. Na ditadura

consumista, aquele que não consome é considerado um inválido e é excluído de tudo dentro desse sistema.

Em um sistema de consumidores, o objetivo é a satisfação em somente TER, mas também gerar mercadorias rentáveis, que se vendem pelo que for, quando o indivíduo começa a ter um preço no mercado ele já pode ser aceito na sociedade de consumidores.

“Os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadoria de consumo, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos desse sistema”. (BAUMAN, 2008). O homem não nasce mercadoria, ele se torna o produto, o seu EU se torna coletivo e quando isso não acontece o objetivo não se concretiza o indivíduo se torna motivo de vergonha perante a sociedade. Nessa sociedade só há uma qualidade que interessa o valor monetário, se a mercadoria traz lucros ela está assegurada, mas quando ela deixa de ser um bom investimento, se torna uma ameaça para o sistema e é descartada, ou pior, é reabilitada implantando novos desejos e esperanças, assim alimentando a falsa sensação de liberdade.

A sociedade de consumidores usa de uma astúcia, onde ela provoca o medo no indivíduo fazendo-o pensar que estará perdido caso ele não consiga se adaptar, e a própria sociedade fornece aos mesmos indivíduos amedrontados as ferramentas necessárias para se adaptarem, ou seja, o sistema pensa em tudo, mantendo a ordem e semeando a falsa liberdade.

Para que o indivíduo entre e permaneça nessa sociedade ele precisa competir com os demais membros, buscar matéria prima, se produzir e aumentar o seu valor e assim os fazendo se sentir acomodados, mas nunca deixando-os esquecer que são “livres”, pois são eles que administram essa sociedade.

“Soberano na sociedade de consumidores é o mercado de bens de consumo” (BAUMAN, 2008). Com o aumento da oferta da mercadoria humana, o mercado começou a tomar as rédeas da situação e o Estado como principal mantenedor se tornou passivo ao novo sistema, o mercado que dita as regras e o Estado vive em favor de atender as necessidades do mercado, assim tratando as pessoas como meros números e fazendo a sociedade de consumidores acreditar que tais números são realmente importantes e que nada mais importa. O mercado está usando o Estado e o Estado está escravizando as pessoas para sustentar e ostentar um estilo de vida consumista e vaidoso.

4. Ser ou Ter? Um dilema social

“A partir do momento em que a sociedade começa a valorizar mais o ter que o ser, precisamos de um cuidado redobrado para transmitir às nossas crianças e às futuras gerações o que de fato são bens preciosos e valiosos. Dignidade, amor ao próximo, empatia, compaixão, entre tantos outros bens que “não tem preço”, é o que realmente vai pautar a caminhada dos pequenos rumo à vida adulta como pessoas éticas, solidárias e responsáveis. Uma vida que tem o consumo como algo primordial em pouco tempo se mostrará vazia e sem perspectiva”. (SILVA, 2014).

“Consumir é a maneira mais rápida e eficaz de ter e numa sociedade com abundância produtiva esses dois verbos (Ser e ter) viram sinônimos abstratos”. (SILVA, 2014). Podemos dizer que Ser e ter são usados de formas extremas, ou só somos, ou só temos. A sociedade de consumidores está em total desequilíbrio, nossa sociedade pós-moderna está com dificuldade de conciliar ou ao menos assimilar a importância do Ser, e embasa sua vida na satisfação viciosa de comprar, como falado pela doutora Ana Beatriz:

“Consumir guarda em si um efeito colateral inevitável: se, em primeiro momento, o ato de consumir gera um estado de alegria ou de euforia momentânea, libertando parte de nossa ansiedade, com o tempo nós nos viciamos nessa sensação abstrata de prazer e passamos a comprar mais e mais, na tentativa ilusória de criar um estado permanente de satisfação”. (SILVA, 2014).

Para um sistema capitalista, o ter é extremamente importante, o ato de comprar e logo descartar é necessário e normal - “olhe para o lixo e nos diga quem tu és”. Mas essa loucura começa desde pequeno. O sistema realmente afetou a raiz da civilização contemporânea, o crescimento do consumo infantil nas últimas décadas realmente aumentou drasticamente, diversos produtos de diversas marcas vêm tomando lugar nas prateleiras, podemos dizer que é cruel e covarde por parte do mercado, mas como já falado, o mercado está no controle. O mercado entende que uma criança consumista gera uma família consumista, entendeu que aquele ser indefeso tem um poder muito grande sobre os adultos.

Dentro da sociedade de consumidores todos são bem vindos (a partir do momento que tenham potencial econômico), a criança possui um potencial, então as grandes agências de publicidade investem no marketing voltado para esse público - marketing dinâmico e interativo que mexe com a imaginação da criança, fazendo-a acreditar que aquele produto é importante para ela ou tal produto a introduzirá em um meio social e até mesmo que todas teriam inveja do produto que ela adquiriu. Mas nos perguntamos ou não, onde está o pai e a mãe dessa criança? Resposta: trabalhando, e para suprir a ausência, deixam-nas expostas à nova babá da família contemporânea, a televisão.

Deixar as crianças expostas a diversos tipos de programa numa fase importantíssima da vida como é a infância, é o começo do caos, pois a criança entre três a cinco anos tem uma capacidade de interpretação muito pequena, a criança acredita com todas as forças que se ele conseguir a luva do Homem-Aranha, ele subirá pelas paredes. A criança nessa faixa etária ainda não tem um discernimento de mundo e menos ainda das perversidades atrás das propagandas de TV.

O consumismo infantil tirou toda a infância de nossas crianças. Não podemos comparar as crianças de hoje com as de vinte anos atrás. Hoje as crianças estão expostas a um leque de informações, que por sua vez e na maioria das vezes é maléfica para o seu desenvolvimento.

Os computadores, a televisão, os celulares, estão transformando nossas crianças em adultos precoces. Vemos crianças de todas as idades se vestindo e falando iguais a adultos. O comércio infantil tomou uma proporção gigante nessa última década.

A “adultização” precoce da criança causa danos muitas vezes irreversíveis quando a criança se torna adulta, pois ela vai querer fazer tudo aquilo que ela não fez quando criança. Vivemos numa sociedade onde as crianças se tornam adultos rápido demais e adultos que se infantilizaram, pois querem ter tudo e fazer tudo que não foi feito na infância. Mas já paramos para pensar porque “o ser” não é bem visto pela sociedade consumidora?

“O Ser” não é lucrativo, quando estamos bem satisfeitos com o que temos, não precisamos ter aquela loucura de consumir desenfreadamente. Quando estamos satisfeitos com nossa aparência, não precisamos de nenhuma cirurgia plástica, não precisamos de roupas da moda, não precisamos ostentar uma vida de luxúria e vaidade, e o mais importante, nos preocupamos com nossas relações interpessoais, damos valor em estar

junto das pessoas, nos espantamos com a crueldade que pessoas fazem com pessoas, nos compadecemos com os doentes e necessitados, ajudamos quem precisa, damos valor não monetário e sim pessoal para as pessoas.

O Ser significa se doar a uma causa nobre, não esperar nada em troca, olhar para o outro e se ver e fazer o melhor pelo outro. Sabe por que a TV nos mostra o de pior do mundo? Porque ela quer que nós nos conformemos com a realidade e a partir disso achamos que tudo é normal, querem que pensemos que somos meros números, que nada que façamos pode mudar essa realidade. Essa é uma das estratégias da sociedade consumidora para aprisionar o Ser. Não podemos negar que vivemos num mundo cruel, mas ainda há pessoas que mesmo com todas as dificuldades que o sistema cria, conseguem fazer a diferença. Quantas ONGs protegem animais, quantas crianças conseguem sair de uma vida precária através do esporte, quantas famílias são salvas, quantos viciados em drogas ou em álcool são recuperados, quantos detentos esquecidos dentro de nossas penitenciárias voltam a ser tratados como pessoas e quantos saem para o mundo fora das grades estão transformados? Podemos dizer que há mais pessoas para fazer o bem social que aqueles que promovem o caos.

O homem é um ser solidário por natureza, quantos desastres ocorrem pelo mundo e quase instantaneamente já estão lá pessoas querendo ajudar voluntariamente, o homem se compadece com a tristeza alheia e tenta ajudar. Mas o sistema consumista vê essa solidariedade como meio de libertação, pois sabe que tal sentimento é capaz de abalar e até mesmo quebrar qualquer estrutura, o homem necessita do próximo a cada instante, precisamos da aceitação e o reconhecimento do próximo e a sociedade de consumidores está tentando de forma suave destruir tais atributos que nos tornam humanos, dizendo que tudo é assim mesmo, que o homem é o pior dos animais. Esse pensamento tem o objetivo cruel de aceitar tudo e com o passar do tempo não mais se preocupar com o próximo e sim consumi-lo. *“Na sociedade consumista somos todos livres para consumir tudo, a todos e a nós mesmos”*. (SILVA, 2014).

Hoje, uma palavra tão simples está perdendo o seu sentido, o “nós”. O coletivo foi se tornando individual, vários narcisos estão sendo criados. Pessoas estão se jogando cada vez mais no seu próprio eu arrogante, egoísta e egocêntrico e o ter é a personificação mais clara desse narcisismo.

Sabe qual o problema de olhar só para si mesmo? É que esquecemos que precisamos de outras pessoas. Precisamos estar com outras pessoas, sentir emoções e sensações, mas mesmo assim, há pessoas que excluem e se excluem desse convívio social.

Mas o sistema é cruel e ardiloso e pensou “preciso recriar vínculos lucrativos”, foi onde se deu a expansão dos shoppings centers, verdadeiros templos de compras, onde oferecem conforto e satisfação e onde tais vínculos lucrativos podem ser feitos, mas claro que não podemos deixar de citar que são poucos os favorecidos que podem adorar nesse templo de luxúria e vaidade.

Na visão sociológica, os shoppings são símbolos de separação e desigualdade. Quando começamos a andar pelos corredores nos deparamos com uma falsa realidade, onde tudo que se passa do lado de fora não importa mais, naquele momento só passa pela cabeça a vida glamorosa que temos ou desejamos ter, o que é real se torna falso e o falso se torna real.

Infelizmente, como as realidades são subjetivas, existem pessoas que aceitam sua realidade, mas existem pessoas que preferem viver na ilusão, então o que se esperar de uma cultura que desfavorece fatos e valores?

Devemos analisar essa cultura capitalista de uma forma mais cuidadosa, pois qual é o fator mais importante para o ser humano? Com certeza é o tempo. O tempo para muitos é aliado e para outros, inimigo. Passamos parte do nosso tempo trabalhando para ganhar dinheiro e ter o tempo de lazer. Esse tempo de lazer é bem aproveitado pelos shoppings, pois disponibiliza tudo possível para satisfazer nosso desejo. Hoje, muitos perderam a capacidade de se divertir, criar uma diversão, isso se dá porque nos shoppings tem tudo pronto, é dado facilmente, sem nenhum tipo de esforço por parte da pessoa (claro se a pessoa tiver dinheiro para pagar), se faz tudo ali dentro, assim fica fácil a alienação e o comodismo para o ciclo vicioso do consumismo.

O consumismo se tornou algo tão natural como respirar, sabemos que respiramos, mas não precisamos pensar nisso constantemente, mas estamos nos perdendo nesse estilo de vida e fazendo as escolhas erradas ou tentando não escolher nada. Escolha é a palavra-chave de nossas vidas, segundo a doutora Ana Beatriz Barbosa Silva:

“Escolher é a condição humana que determina quem somos e quem seremos no futuro. As escolhas só não podem mudar o passado, mas certamente

determinaram os fatos já ocorridos e plantaram as sementes que estamos colhendo no presente e que colheremos no futuro”. (SILVA, 2014)

Nosso poder de decisão pode ser influenciado pelo momento. Quanto mais crítico o momento, mais o nosso poder de escolha é pressionado e muitas vezes tomamos decisões erradas. Mas outras circunstâncias da vida também possibilitam escolhas tanto certas como erradas, como a angústia, depressão, medo, insegurança, alegria e muitos outros sentimentos que nos levam a tomar decisões, e mesmo quando não queremos tomar nenhuma decisão, sermos imparciais ou neutros perante uma circunstância que já estamos escolhendo. Então podemos afirmar que cada ato de nossas vidas é determinado por uma escolha, sendo ela certa ou errada.

5. Educação x Consumismo

Quais danos tais obsessão compulsiva por comprar e investir no ter prejudica e afeta na educação? Primeiro precisamos saber o real conceito de educação, para Platão era um processo de formação integral do homem social com o foco de formar um caráter sólido voltado para o bem com o próximo e assim alcançando a verdade. Tal educação social é realmente desnecessária na sociedade de consumidores. Essa sociedade é marcada por não acumular e sim descartar, e uma educação voltada o ser ético e moral é inviável e incoerente e pode ameaçar a estrutura da sociedade.

Hoje nas escolas (seja ela qual for) o que eles chamam de educação se tornou padronizada, assim infelizmente a transformando em um produto que se tornou rentável e abstrata. *“No reino do capital, a educação é, ela mesma, uma mercadoria”*. (MÉSZÁROS, 2008). Criou-se uma educação descartável voltada para o desenvolvimento de coisas que não queremos e menos ainda o que precisamos, mas que enchem as prateleiras, tirando o foco e manipulando a sociedade com o discurso “conhecimento é poder”, não o poder de libertar e sim o de aprisionar, alienar, aquele que retém o conhecimento mantém também o poder e assim se destacando na sociedade consumidora.

Grandes empresas usam essas estratégias, recrutando jovens talentos que tem o conhecimento e assim ela obtém o poder de ditar tendências e tecnologias. Infelizmente,

esse é o papel da educação contemporânea, uma educação somente voltada para a criação de estilos de vida.

“A educação que poderia ser uma alavanca essencial para a mudança, tornou-se instrumento daqueles estigmas da sociedade capitalista: fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à maquinaria produtiva em expansão do sistema capitalista, mas também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes”. (MÉSZÁROS, 2008).

A educação, ou melhor, o conhecimento descartável está se tornando comum, onde usa-se e logo depois precisa ser esquecido. O mundo de hoje não favorece a verdadeira aprendizagem e sim momentos de “ctrl c” e “ctrl v” (copiar e colar). Para Oliveira (1997), aprendizado é:

“O processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc, a partir de seu contato com a realidade, o meio de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas. É um processo que se diferencia dos fatores inatos, [...] e dos processos de maturação do organismo, independentes da informação do ambiente (a maturação sexual, por exemplo)”.

Está cada vez mais difícil educar, o professor está tendo problemas em mostrar aos alunos as consequências de somente ter e com isso complica o trabalho do docente em tentar lapidar, polir e promover uma transformação no aluno através do conhecimento voltado para o ser, não o ser rico ou famoso e sim o ser social.

Numa sociedade onde o foco é ter e onde as regras mudam ao percorrer do jogo, é impossível aprender e memorizar coisas novas, aprender formas de sair do jogo logo são apagadas de nossas mentes, pois as mudanças externas nos sufocam e nos forçam a tomar decisões rápidas para ganhar o jogo. Tais mudanças externas não foram previstas e a educação instrumental se adaptou e infelizmente agora faz parte desse jogo, não por culpa da própria educação, ela está se modernizando, estão criando estratégias para mudar, mas nesse regime atual tudo parece ser em vão.

A sociedade consumidora criou uma forma de desqualificar a verdadeira educação. A pessoa ser bem instruída e usar seus conhecimentos para o bem do próximo não condiz com a falsa ilusão de controle e liberdade. A sociedade escravizou a alma de seus integrantes e esta sendo uma batalha feroz e com muitas baixas, pois o comodismo de

estarem em um jogo onde o homem acredita que tem o controle e o poder em suas mãos e a autonomia de sair e sua adaptação ao jogo e também as suas regras que mudam a cada momento dificulta o trabalho daqueles que acreditam na verdadeira educação, assim aprisionando o indivíduo de uma sutil e sorrateira fazendo-o admirar a falsa vida ditada pelo sistema consumidor.

Com o passar dos anos o mundo mudou, nas grandes revoluções os indivíduos precisavam somente saber pegar em uma chave de boca e girar. Nos dias atuais já é bem diferente, para entrar no mercado de trabalho os indivíduos precisam “ser” mais habilidosos, audaciosos que seus concorrentes, ter de fato algo melhor que o outro, que esse indivíduo possua um conhecimento não massificado, mas longe do real conhecimento.

O verdadeiro conhecimento não é encontrado facilmente, tal conhecimento é conquistado pelos fortes, àqueles que dedicam suas vidas em busca do verdadeiro SER e não o ser máquina. Poucos serão capazes de alcançar o conhecimento verdadeiro, aquele que impulsiona para o bem e nos possibilita ver o belo, aquele que tira as vendas da alma, que quebra as correntes da ignorância e nos mostra o caminho sem atalhos onde poucos conseguem caminhar. Tal conhecimento é evitado pela massa que preza o ser máquina, que busca o conhecimento superficial, que ensina somente a se vender, tornando o indivíduo incapaz de sair da zona de conforto, pois o conhecimento que é exigido pela sociedade consumidora é fácil de encontrar em revistas de fofocas, internet e em todas as formas midiáticas de comunicação. *“O conjunto dos conhecimentos que continua a se desenvolver atualmente como pensamento do espetáculo deve justificar uma sociedade sem justificativas e construir-se em ciência geral da falsa consciência”* (DEBORD,1997).

A educação está vinculada com questões sociais e econômicas, e ela ainda tem o papel de separação, muito longe da sua real função, a emancipação e a transformação. No regime atual, tudo é explicado, mas nem tudo é entendido e isso é afirmado por MÉSZÁROS (2008), que diz: *“Vivemos o que alguns chamam de “novo analfabetismo” – porque é capaz de explicar, mas não de entender”*. Concordando com ele, Alvin Toffler em seu livro A Terceira Onda fala *“os analfabetos do séc. XXI não são aqueles que não sabem ler nem escrever e sim aqueles que se recusam a aprender, a desaprender e a reaprender.”* (TOFFLER, 2001).

Isso se dá por outro atributo dado à educação, a reprodução. Em uma sociedade corrompida pelo capital, as regras do jogo mudam, mas a estrutura se mantém intacta. A educação pode ser corrigida em alguns setores, mas de fato uma mudança seria o começo do declínio capitalista.

A educação na sua forma mais pura é uma ameaça que pode mudar as ordens não naturais das coisas. Hoje ou até mesmo no passado, tudo foi intencional, muitos lutaram para a mudança das regras opressoras, baseando-se na educação e desde lá de trás, já foi previsto o que os educadores estão enfrentando em pleno século XXI. O descaso, a ignorância, a reprodução desenfreada de valores equivocados, fazem parte do sistema educacional vigente que é mantido pelo capitalismo e aprovado pelo governo.

“A aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice, de fato quase até a morte; ninguém passa dez horas sem nada aprender” (MÉSZÁROS,2008). Será que aprendemos de fato o necessário para viver? A vida nos ensina muito e com o passar do tempo, a nossa cabeça muda em relação a conceitos e valores. Mas isso se dá por nós mesmos ou isso é imposto a nós? Aprendemos coisas que nos dão a *auto emancipação*?

Como vimos, são muitas perguntas difíceis com respostas ainda mais complexas que precisam ser respondidas, mas não pela sociedade ou alguma autoridade, elas precisam ser respondidas por cada um de nós. Mas como responder essas perguntas em um sistema que produz respostas imediatas e incoerentes que criam um falso sentido?

Precisamos de um mediador, ou seja, algo concreto que nos auxilie enquanto buscamos as respostas corretas e tal mediador é a educação emancipadora, pois quando começamos a abrir os olhos não carnis e sim espirituais, aqueles que nos ajudam a enxergar um nível superior, somos capazes de ver uma “luz no fim do túnel”. Essa educação pode mudar o curso de nossas vidas, aumentando o melhor e diminuindo o pior de nós.

Acreditar que podemos transcender nosso estado atual é uma perspectiva futura para uma mudança radical para o nosso sistema de ensino, trazendo um sentido real para estarmos aqui, quando alcançarmos tal sentido quer dizer que a pura e verdadeira educação sobressaiu e alterou o rumo de nossa própria história. A educação formal tem como objetivo a proteção do sistema, aqueles que estavam dispostos a ir contra tal educação, encontram suas forças na emancipação do ser e assim buscar a mudança.

Para mudar precisamos primeiro mudar a nós mesmos, mudando valores e só mudamos valores quando abrimos verdadeiramente nossos olhos para a realidade e assim conseguimos ver além do capital, quando nos deparamos com um nível superior, mas dentro de nós mesmos, István Mészáros chama tal mudança interior de “contra-internalização”, onde não nos deixamos conformar com o estilo de vida atual, nos sentimos incomodados e não alienados, começamos a enxergar o que realmente precisa ser enxergado, pois o sistema capitalista tira o nosso foco do que de fato precisamos e nos proporciona por um determinado preço, coisas que não nos trará nada, ao contrário, irá tirar o nosso discernimento e aprisionará o nosso ser.

A sociedade do consumo usa essas táticas para iludir de uma forma envolvente, onde busca não satisfazer o ter e sim viciá-lo. Os educadores precisam entender suas responsabilidades e ao menos precisam também contribuir para essa mudança, mas precisamos ter em mente, que não será uma missão fácil. Quando falamos de educação, fica claro que haverá resistência, pois o sistema não quer que as pessoas se tornem cultas, preferem que as pessoas continuem no cabresto. Os professores precisam agir de uma forma mais eficaz dentro da sala de aula, não só reproduzindo um conhecimento formal, mas tentando mudar a vida de alguém.

Para Ponte (1986),

“Os professores não podem deixar reduzir-se ao papel de correias de transmissão, baseando o seu ensino em produtos educacionais padronizados e prontos para usar. A eles deve caber a responsabilidade de desenvolver alternativas educacionais apropriadas para os seus alunos”.

Claro que não podemos desconsiderar que há vários complicadores, o professor tem uma grade para cumprir e também há professores que não estão se preocupando com nenhum tipo de mudança, pois mudança requer trabalho e muitos não querem trabalhar, muitos preferem essa educação alienante e confortável, onde não ensinam o senso crítico, não ensinam a pensar, não mostram necessidade de uma mudança interior, infelizmente muitos desses profissionais também desconhecem o real sentido da educação.

Para atingir de fato uma transformação em um regime consumista, a educação precisa negar a realidade, não jogar o jogo pelas regras do consumo e sim, criar novas

regras mais justas, se auto sustentar. Uma educação concreta e voltada para o ser e não para o consumo, parece uma utopia, mas não é como já falado, não nascemos consumistas, nos tornamos seres consumistas, aprendemos desde pequeno, tanto em casa, na rua e até mesmo na escola. Esse tipo de aprendizagem é reproduzido em escala global, iludindo e manipulando a partir da infância.

Muitos falam de uma sociedade alternativa, mas para uma sociedade consumidora, essa sociedade é um defeito que precisa ser corrigido, um pensamento que precisa ser tirado das pessoas que procuram de fato mudanças. Um falso discurso reformista tem como objetivo eternizar o sistema e excluir qualquer tipo de hipótese para uma sociedade divergente, onde novas políticas sejam voltadas para o bem social e não individual. Isso seria ótimo para a educação que poderia reproduzir o novo sistema elevando o nível social e intelectual dos membros dessa nova realidade, ensinando o que realmente precisamos aprender.

Não podemos descartar a hipótese que o sistema consumidor também busca uma mudança enfática, abrangente e quantitativa, onde anseia por novos membros consumistas que adotem e conservem o consumismo descontrolado, assim sempre se mantendo nas rédeas da situação. Hoje e já faz um tempo que o capital está no poder, mas quem o colocou e por quê? Por que todos não podem ser donos de suas próprias vidas? Por que não podemos trabalhar somente para viver? E uma das perguntas mais sérias que podemos fazer, por que trabalhar tanto para outros viverem bem?

Novamente nos deparamos com perguntas no percorrer do caminho que sinceramente são difíceis de serem respondidas, então o sistema nos pergunta por que fazê-las, deixe tudo com está, deixe que eu cuido de tudo pra você, pois essa é a minha função cuidar de você.

Um discurso bem conveniente, não acha? Para que nos preocuparmos com mudanças se está tudo bem? Mas bem pra quem? Para aqueles que estão vivendo em meio à precariedade das favelas? Para aqueles que estão vivendo de restos em lixões? Ou para aqueles que estão passando fome e sede nos lugares mais esquecidos de nosso país? Sabe qual o tipo de reforma que o sistema quer fazer? Não é tirar essas pessoas da miséria, mas sim mantê-las e proporcionar a elas benefícios mínimos para sobreviver sempre alimentando a esperança de um futuro melhor.

Nossa realidade é triste, fria e calculista. A sociedade consumidora não se interessa pelo que somos ou temos e sim o que podemos oferecer. Mas uma mudança educacional de valores e conceitos daria outro rumo à nossa história. Uma educação voltada para o social e não para o capital, traria uma estabilidade social e colocaria o capital em seu devido lugar, ou seja, a educação manteria o capital sob controle e não o capital no controle da educação.

Quando falamos de uma alternativa educacional, devemos pensar em mudanças qualitativas e sustentáveis. O capitalismo por si só não consegue manter-se, então ele usa de mediadores para alcançar seus objetivos. Ele usa o Estado, as mídias e principalmente as escolas, como aparelhos reprodutores.

Mas uma educação não alienante e concreta traz ao indivíduo a busca *pela auto mediação*, o autocontrole de seus desejos e impulsos e assim a sua auto realização. Uma educação com tais fundamentos possui propósitos sociais significativos, que presam a *auto emancipação* da alma perante a ditadura capitalista que nos restringe a meras máquinas e sempre buscando tirar nossa liberdade ou o que nos restou dela e sempre preservando a desigualdade seja ela qual for.

Nos dias atuais, o que mais vemos é a desigualdade social, onde políticos conseguem votos, e empresários, lucros. Se houvesse uma educação de qualidade e igualitárias para todos, essa desigualdade social (e intelectual em alguns casos) iria diminuir, mas como já foi dito, o sistema busca apenas reparos e não mudanças.

Sem essa reprodução em larga escala, com certeza o capitalismo já tinha se acabado, pois ele somente beneficia aqueles que estão no comando e ilude aqueles que são comandados. Para esse sistema dar certo ele precisa viciar a maioria a consumir muito ganhando pouco e sempre criar nessa maioria a esperança que um dia poderão assumir uma posição de destaque dentro desse sistema que proporciona escassez e oferece o desperdício, tornando cada vez mais difícil de viver e assim fazendo aqueles que já trabalham muito, trabalharem ainda mais, consumirem mais, desperdiçarem mais, se endividarem ainda mais e esse ciclo precisam ser mantidos e reproduzidos para as gerações futuras, pois somente assim esse sistema consumidor poderá se manter vigente no nosso dia a dia.

Mas o que realmente deveria ser frequente no nosso dia a dia é a *autoformação* como István Mészáros diz “uma educação continuada”. Esse tipo de educação não tem

prazo de validade, ela não acaba. A *autoformação* é constante e de suma importância para nos livrar das correntes que nós mesmos colocamos, mas influenciados por alguém.

Uma educação continuada rompe os paradigmas impostos pelo capitalismo e se sobressai de tal forma que a educação instrumental se torna secundária, pois tal educação é voltada para o ser e o reconhecimento do próximo como outro ser em formação, onde apenas está preso a falsos conceitos ideológicos. Agora podemos entender o porquê que tal educação é ignorada pelo sistema. Ela é a saída mais correta desta loucura que vivemos. Hoje falamos de uma visão humanística, logo o sistema tenta desvincular a prática da teoria, onde afirma que o ser humano precisa do sistema, precisa ter.

Anteriormente já foi falada das regras que mudam constantemente, quando o sistema percebe que algo é prejudicial ao funcionamento operacional, ele distorce as informações e impõe novas regras, acabando com qualquer foco de mudança (sempre e apenas reparos), pois para manter a sociedade do consumo é preciso zelar pela ideologia vigente e assegurar sua reprodução.

Para assegurar essa reprodução, o capitalismo busca atingir a consciência humana e implantar, ou melhor, modificar a concepção de naturalidade, afirmando que a realidade atual é e sempre será imutável, onde diz também, mas de uma forma subliminar que precisa existir escravos assalariados para que o mundo possa girar e sustentar o senhor deste engenho, onde usam armas mais eficazes que chicotes para intimidar.

Muitos países foram levantados com força de pessoas aprisionados e que não tiveram escolhas e em muitos lugares ainda é assim. O capitalismo precisa usar a mesma tática para se manter em pé, precisa de consumidores vorazes e escravizados. Há uma grande diferença entre a educação contínua do capitalismo e uma educação verdadeiramente contínua do ser, segundo MÉSZÁROS, 2008, pág. 82. *“o significado mais profundo da educação contínua da ordem estabelecida é a imposição arbitrária da crença na absoluta inalterabilidade de suas determinações estruturais fundamentais”*.

Quando falamos de uma educação contínua, não é esse adestramento que temos em nossas escolas e sim uma alternativa de vida, uma segunda opção, pois nessa forma alternativa de ver o mundo e acima de tudo as pessoas que proporcionam de fato mudanças. Pode parecer um devaneio, uma utopia, talvez essa educação social tão falada não mude o sistema, mas há uma grande chance de mudar as pessoas, que sim podem mudar o sistema.

Pessoas que hoje são reféns do consumismo, da vaidade, luxúria, do egocentrismo, do narcisismo, pessoas que perdem a vida por uma ilusão, pois deixam a solidão do mundo invadir suas lamas e aprisioná-las.

O mundo está passando por dias difíceis, desemprego, doenças, corrupção, descaso social. Não é muito diferente de um passado recente. O mundo mudou de várias maneiras diferentes, felizmente algumas para melhor, algumas doenças foram controladas, outras estão em processo de retenção ou na formulação de curas. Mas há algumas mazelas que infelizmente que são eternizadas, não por todos e sim por alguns, que adquirem bens em detrimento dos outros.

Mas por que? Por mais incrível que pareça essa resposta é simples, atrás de toda essa crise que passamos, há uma crise ainda maior, que se for resolvida, boa parte dos problemas serão sanados, essa crise se chama “crise de relacionamento”. Pessoas não se importam com outras pessoas, se pessoas se matam de trabalhar, sendo pouco remuneradas e nada valorizadas, pessoas se achando melhores em prejudicar outras pessoas, pessoas ficando ricas roubando de pessoas que praticamente não tem o mínimo para viver, pessoas alimentando cada vez mais o ódio e o declínio de valores básicos mais essenciais para o desenvolvimento humano.

O capitalismo entendeu que o ser humano precisa ser separado dele mesmo e do próximo para ter uma maior lucratividade. Mas uma verdadeira educação consiste na versão do todo, o corpo e a alma precisam se reencontrar para que a auto realização possa acontecer e assim o SER terá condições de entender que aquele velho Ctrl C e Ctrl V não é mais suficiente para ele entender de fato sua existência e encontrar uma felicidade genuína e não aquela falsa sensação de felicidade do mero ter, pois segundo Rohden 1984: *“O homem da realização existencial é sempre feliz, mesmo sem o gozo do sucesso social. O da frustração existencial é sempre infeliz, mesmo no gozo do sucesso social”*. Podemos afirmar que ninguém de fato é feliz somente pelo ato de TER, se não compreender a sua função existencial.

6. Considerações finais

Vimos ao percorrer deste trabalho que não podemos de fato concluir algo, pois há um dinamismo entre as realidades e menos ainda afirmar que esse ou aquele sistema pode

ou não funcionar, mas podemos admitir que algo precisa mudar, então que possa ser a sociedade, ou melhor, nós mesmos. Que a mudança seja interna, resgatando valores perdidos, como respeito ao próximo ou fraternidade, mostrar que o ser humano pode e será melhor, mas não um melhor que o outro, ou mais poderoso que o outro, ou só porque tem algo há mais que os demais tem o direito de humilhar o outro.

Nós, seres humanos, somos uma raça com grande potencial e com uma enorme capacidade de evoluir e aprender a cada dia, tanto para coisas que nos ajudarão, como para nossa própria extinção

7. Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.

BORBA, M.C. (Orgs.). *Educação matemática: pesquisa em movimento.* São Paulo: Cortez, 2004.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo.* [tradução Estrela dos Santos Abreu]. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

KEHL, M.R. *O espetáculo como meio de subjetivação.* Recuperado no dia 29 de dezembro de 2010, de www.mariaritakehl.psc.br/PDF/oespetaculocomomeiodesubjetivação.pdf

MARCUSE, H.. **One dimensional man.** Boston: Beacon Press, 1964.

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital.* [tradução Isa Tavares] São Paulo: 2. ed. Boitempo, 2008.

OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.* São Paulo: 4. ed. Scipione, 1997.

PONTE, J. *O computador: Um Instrumento da Educação.* Lisboa: Texto Editora, 1986.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Mentes consumistas: Do consumismo à compulsão por compras.* São Paulo: 1.ed. Globo,2014.

TOFFLER, Alvin. *A terceira onda: a morte do industrialismo e o nascimento de uma nova civilização.* 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.